

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Diane de Oliveira

**Oficina de letramento digital na EJA: sentidos e aprendizagens**

Porto Alegre  
2º Semestre  
2017

Diane de Oliveira

**Oficina de letramento digital na EJA: sentidos e aprendizagens**

Trabalho apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Evandro Alves

Porto Alegre  
2º Semestre  
2017

“A persistência é o menor caminho para o êxito”  
Charles Chaplin

Muito obrigada, a todos que fizeram parte da minha formação.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao professor Dr. Evandro Alves pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia.

Agradeço a minha mãe Eva Martins, heroína que me deu apoio, incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço.

Ao meu pai Erni de Oliveira, obrigada pela paciência, pelo incentivo, pela força e principalmente pelo carinho.

Ao meu irmão David, obrigada pelo carinho e por sua capacidade de me trazer paz na correria de cada semestre.

Meu agradecimento especial ao meu amigo Ferry da Silva Braga, que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades.

## RESUMO

O presente estudo tem como tema a docência no contexto do Letramento Digital na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para isso, desenvolve-se uma análise sobre a experiência da autora deste referido trabalho enquanto extensionista no Projeto de Extensão “Letramento Digital no laboratório de Informática” – projeto orientado pelo Prof. Dr. Evandro Alves com apoio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A oficina, tornada neste trabalho um estudo de caso, está vinculada a um Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos (EJA), localizado no município de Porto Alegre. Neste sentido, o objetivo geral desta pesquisa constitui: investigar sobre sentidos e aprendizagens produzidos pelos educandos e pelos extensionistas envolvidos no processo educativo voltado ao Letramento digital, durante o percurso do Projeto e ponderar em um segundo momento, quais são as ações docentes que se tornam necessárias quando há Educação digital na instituição. O conceito de letramento é problematizado no contexto da utilização das tecnologias digitais, redimensionando práticas de escrita. A metodologia consistiu em um estudo de caso, tendo como base observações, entrevistas, conversas e memórias da extensionista (autora deste trabalho). Com esta pesquisa, constatou-se a importância de adaptar as propostas pedagógicas conforme as necessidades dos educandos. Ademais, evidenciou-se a importância da escola como agente mobilizador neste processo.

**Palavras-chaves:** Letramento; Informática na Educação; Educação de Jovens e Adultos.

# SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>APROXIMAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>10</b>
<b>3</b>	<b>REVISÃO TEÓRICA.....</b>	<b>14</b>
3.1	EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: HISTÓRIA E MARCOS LEGAIS.....	14
3.2	INFORMÁTICA NA EJA .....	18
3.3	LETRAMENTO, LETRAMENTOS: PRÁTICAS DE ESCRITA E TECNOLOGIAS DIGITAIS .....	21
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>25</b>
4.1	TIPO DE PESQUISA REALIZADA.....	25
4.2	CONTEXTUALIZAÇÃO DA OFICINA DE LETRAMENTO DIGITAL.....	26
4.3	INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS E PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	27
<b>5</b>	<b>APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS .....</b>	<b>29</b>
5.1	PERSPECTIVA DOS EDUCANDOS .....	29
5.2	PERSPECTIVA DOS EXTENSIONISTAS .....	31
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>37</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>39</b>

# 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como tema a docência no contexto do Letramento Digital na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para tanto, realizei estudo sobre a atuação como extensionista no projeto “Oficinas de Letramento Digital no laboratório de Informática”, a partir de minhas experiências no projeto, bem como entrevistas a colegas e pessoas jovens e adultas que participaram como estudantes do projeto. A oficina de letramento digital foi realizada em um Centro Municipal voltado à EJA e vinculado à rede municipal de Educação do município de Porto Alegre. O projeto de extensão foi orientado pelo Prof. Dr. Evandro Alves com apoio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A curiosidade inicial por essa temática surgiu quando conheci o citado projeto no segundo semestre do curso de Pedagogia. Logo percebi que gostaria de desenvolver meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre a Educação de Jovens e Adultos em relação ao uso do computador e das TIC Tecnologias de Comunicação e Informação (TICs). As aulas que acompanhei no laboratório de informática possuíam significativa importância para as pessoas que frequentavam o espaço. Muitos dos educandos sentiam-se desconfortáveis pelo fato de não possuírem certas habilidades técnicas sobre informática e tinham muitas dúvidas sobre as tecnologias, dúvidas as quais que não se restringiam ao uso do computador do laboratório, mas, também, sobre como usar telefones celulares, notebooks de uso pessoal, etc, que traziam do cotidiano. Este fato reforça a existência de projetos como esse, onde há a inserção destes estudantes no meio tecnológico, já que as oficinas proporcionam trabalhar tais aptidões.

Projetos desta natureza merecem menção no contexto da EJA, visto a cultura de baixo investimento na educação para esta faixa etária. Mesmo que os

docentes tenham trabalhado para diminuir as barreiras entre a evolução tecnológica e as turmas da EJA, ainda existem poucas discussões acerca da temática no país.

Por este motivo, os estudantes ainda encontram dificuldades para acompanhar a evolução tecnológica imposta na contemporaneidade em que o uso de computadores e de outras ferramentas digitais se torna cada vez mais presente no cotidiano.

Sendo assim, cheguei à questão orientadora deste trabalho: *quais são os desafios do trabalho docente na área da Educação de Jovens e Adultos (EJA) vivenciados ao longo do Projeto de Extensão Letramento Digital no laboratório de Informática desta instituição?* Tal questionamento serve para perceber a importância das aulas para os educandos que participaram do projeto na escola.

Neste sentido, o objetivo geral desta pesquisa consistiu em investigar *sentidos e aprendizagens produzidos por educandos e docentes envolvidos em um processo educativo voltado ao letramento digital no contexto da Educação de Jovens e Adultos*. Busca-se levantar e sentidos e aprendizagens, inferidos a partir das manifestações dos entrevistados como subsídio para pensar quais ações docentes adequadas para articular processos educativos na EJA que se valem das tecnologias digitais.

Foram objetivos específicos deste trabalho: 1) realizar revisão de literatura, buscando articular as temáticas da Educação de Jovens e Adultos, das tecnologias digitais e uma discussão sobre letramento neste contexto; 2) realização de um processo de pesquisa que envolveu a configuração de um estudo de caso a partir da oficina de letramento digital; 3) apresentação e análise dos dados produzidos no processo de pesquisa.

Para tanto, realizou-se estudo de caráter qualitativo, configurado como estudo de caso. Privilegiou-se, como instrumentos para a produção de dados deste processo de pesquisa a realização de entrevistas semiestruturadas, presenciais, de estudantes da EJA que participaram da oficina de Letramento Digital. Também foram realizadas entrevistas por via eletrônica foram realizadas com colegas que participaram como ministrantes da Oficina. Registros das atividades realizadas no contexto da experiência são utilizadas para se aproximar das questões de pesquisa e considerar a implicação da pesquisadora na pesquisa.



Cabe salientar que o projeto inicial deste trabalho contava com um retorno ao campo e entrevista com a docente responsável pela oficina. Porém, o contexto de greve no município durante o segundo semestre de 2017, exatamente no período de retorno ao campo e de contatos para a realização das entrevistas comprometeu esse projeto inicial, exigindo reordenamentos teórico-metodológicos ao longo do trabalho.

O presente estudo está organizado da seguinte forma: o primeiro capítulo apresenta o estudo a ser realizado. O segundo capítulo busca realizar uma aproximação do tema a partir dos registros de campo. No terceiro capítulo, apresenta-se o referencial teórico do estudo. O quarto capítulo expõe notas metodológicas do estudo. O quinto capítulo apresenta e busca entabular análises dos dados produzidos. Por fim, o sexto capítulo contém as considerações finais do trabalho.

## 2 APROXIMAÇÕES INICIAIS

Para ilustrar quais eram meus desafios diários como extensionista e pesquisadora no projeto de Oficinal Digital na EJA em estudo, busco em meu diário de campo um dia marcante durante a minha trajetória na escola.

Na prática cotidiana que realmente descobri quais são nossos desafios como educadores de jovens e adultos e, também os desafios da nossa profissão em um cenário de descaso com a carreira docente e com a Educação Básica no país.

*Numa manhã de sexta-feira ingressei na escola para dar continuidade às aulas de letramento digital com os alunos da EJA e logo recebi a notícia de que os professores da escola precisariam realizar uma reunião com urgência pois estavam apreensivos com a aprovação da nova reforma da previdência e com a iminência da greve dos funcionários públicos municipais de Porto Alegre.*

*Percebi que a professora titular do laboratório de informática também estava abalada com a possibilidade de perder sua aposentadoria integral, sendo que havia dedicado toda sua carreira profissional à docência e agora as novas normas do atual governo iriam tirar seus direitos que foram adquiridos com tanto mérito. Ela percebeu minha comoção pela nossa situação atual como docentes e ponderou: "Não fique desanimada com essa situação, mas nós que escolhemos ser professores temos que lutar constantemente".*

*Para viabilizar a participação de todos e como já conhecia o grupo, acabei conduzindo a oficina. Essa situação me deixou bastante empolgada e apreensiva, contudo segui em frente com o objetivo de enfrentar o desafio. Entramos no laboratório de informática, liguei os computadores e, após o intervalo, os alunos foram entrando na sala.*

*Quando a turma já se encontrava posicionada em frente aos computadores aguardando a proposta pedagógica do nosso encontro. Fiz questão de explicar porque havia uma reunião na escola explicando brevemente sobre o que se tratava. Fiz questão de que a minha fala fosse em um tom*

*“descontraído”, na medida do possível, para que eles se sentissem a vontade comigo e, assim, pudéssemos dar seguimento em nossa proposta. Percebi que essa opção de falar de uma maneira divertida e descontraída foi adequado ao momento, pois aos poucos eles ficaram mais seguros para interagir como grupo.*

*Mesmo com o clima favorável em sala, percebi que o momento era bastante desafiador para mim pois havia cerca de 15 alunos no laboratório naquela manhã.*

*Rogério, um senhor de 76 anos de idade que demonstra muito interesse em aprender durante as aulas estava com dificuldades para fixar o acento circunflexo nas palavras, fui até ele para explicar que era preciso pressionar a tecla shift e ao mesmo tempo pressionar a tecla que corresponde ao acento em questão. Bom, essa ação pode parecer simples para alguém que está acostumado com a linguagem digital, porém é deveras significativa para uma pessoa que está recém conhecendo os códigos e símbolos do computador e possui uma idade mais avançada em que a coordenação motora por vezes pode dificultar os movimentos. O ato de pressionar as teclas na mesma hora e com a mesma intensidade é bastante desafiador, se possível tente realizar essa ação agora, mas pensando nas peculiaridades dele, e perceberá a complexidade no processo de aprender a colocar o acento circunflexo nas letras.*

*Bom, expliquei que era necessário pressionar as duas teclas ao mesmo tempo mantendo sempre uma mesma intensidade de força em ambas as teclas e depois selecionar a letra que correspondente. Ele começou a tentar reproduzir a ação, tentou por várias vezes, mas seus movimentos motores não contribuíam para que houvesse a mesma intensidade de força no toque das teclas.*

*Clair 47 anos, estava muito alegre com a criação da sua primeira conta em uma rede social, (no caso, o facebook) ela disse “agora eu posso me comunicar com uma prima que mora bem longe daqui, também poderei fazer a divulgação dos quitutes que eu faço para vender”. Esse fato me deixou bastante realizada, pois a estudante estava feliz ao perceber a funcionalidade da internet para sua vida, ou seja, ela já sabia que existia a comunicação por redes sociais, mas nunca havia tido essa experiência.*

*Paulo 58 anos, demonstrava-se impaciente ao transcrever um texto impresso para o computador, ele não tinha dúvidas de como digitar o texto, mas precisava selecionar algumas palavras para deixar em negrito. Essa ação era*

*difícil para ele, por isso sua reação de descontentamento. Recordo que o estudante, por vezes sentia-se mal ao deparar-se com uma nova dificuldade, mas a partir de uma conversa e de algumas palavras de incentivo tudo voltava ao normal.*

*Nesta mesma hora outra aluna solicitou meu auxílio, deixei-o sozinho em suas tentativas, mas com o passar dos minutos percebi que aula seria dessa forma, já que era impossível dar atenção exclusiva para cada aluno. Enquanto alguém precisava de ajuda para colocar um acento, outro aluno solicitava auxílio para colocar uma letra maiúscula, outra pessoa tinha alguma dúvida e assim por diante. Era necessário ser ágil para dar conta das solicitações, mas era necessário demonstrar tranquilidade e paciência na hora de ensinar pois é desagradável para um adulto perceber que a sua dúvida não é importante.*

*Aos poucos me adaptei com a demanda de solicitações e já conseguia manter um ritmo bom entre os atendimentos. Terminada a aula naquela manhã, alguns alunos se despediram falando – tchau, professora! – obrigada pela aula e um bom descanso. Confesso que essas palavras me deixaram lisonjeada, me sentia com o sentimento de dever cumprido e me sentia feliz porque eles haviam entrado em contato com novas aprendizagens, enfim, foi mesmo muito gratificante.*

Este pequeno excerto leva a pensar diversas questões:

Como potencializar a singularidade de cada situação provocada pelo encontro destes estudantes com as tecnologias digitais de forma que ela possa ser um dinamizador de aprendizagem?

Como lidar com essas diferentes situações e ritmos (um a buscar como escrever as letras maiúsculas e minúsculas ou por acento usando o editor de texto, outra a criar sua conta em uma rede social e a vislumbrar o que se pode fazer com isso, outro a tentar já realçar o texto colocando trechos em negrito) que ocorrem *concomitantemente* nesta oficina?

Qual seria a melhor abordagem metodológica para esta oficina? Tentar fazer com que todos fizessem a mesma coisa ao mesmo tempo ou deixar cada um criar suas próprias questões no contato com a máquina, sob o risco de, no atendimento a cada um, não conseguir dar conta das questões de todos? Ou a pergunta, colocando em polos excludentes (ou fazer de uma forma, ou de outra)

constituiria uma falsa dualidade? Seria possível construir um “caminho do meio” entre esses dois extremos?

Essas questões, entre outras, trazem-me a tematizar neste trabalho os sentidos e aprendizagens da oficina de letramento digital na EJA, faz-se necessário tematizar, do ponto de vista teórico: 1) a constituição da EJA no Brasil; 2) a questão das tecnologias e 3) a dimensão do letramento neste contexto. Tais aspectos serão tematizados no próximo capítulo.

### **3 REVISÃO TEÓRICA**

#### **3.1 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: HISTÓRIA E MARCOS LEGAIS**

Para compreender de que forma foi trilhado o caminho da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, cabe realizar uma breve “retrospectiva” histórica. Segundo Di Pierro et al (2010), os momentos de conquistas e de lutas por uma Educação destinada aos Jovens e Adultos que não conseguiram concluir os estudos na modalidade “regular”, o Estado passa admitir a partir dos anos 1940 que as unidades da federação iniciem uma distribuição de recursos financeiros de fundos públicos para a Educação.

Com isso, houve uma preocupação inicial do governo em administrar a formação de jovens e adultos. Contudo, ainda não haviam métodos e propostas pedagógicas específicas que atendessem aos aspectos socioeconômicos, culturais e psicológicos e às aspirações de pessoas jovens e adultas.

Somente nos anos 1960, Paulo Freire passou a mobilizar diversas esferas sociais em prol da Educação de Jovens e Adultos tanto no meio governamental como também nas organizações populares.

A proposta de Freire defendia “[...] a necessidade de realizar uma educação de adultos crítica, voltada à transformação social e não apenas à adaptação da população a processos de modernização conduzidos por forças exógenas [...]” (DI PIERRO et al, 2001, p. 60). Os autores explicam que o caráter “gráfico e fonético” era importante na concepção de Freire, mas também havia a necessidade de formar cidadãos críticos e agentes de transformação social. Essas iniciativas tiveram uma abrangência nacional e impulsionaram uma reflexão sobre o aprendizado e a emancipação social. Segundo Rizzo e Vidal (2007), na década de 1960:

O Brasil passa por uma crise política, social, econômica e educacional na década de 60. Analfabetismo era responsabilizado pela crise. Na tentativa de modificar essa realidade, os Movimentos de Educação Popular, os intelectuais, professores e estudante e principalmente o Método Paulo Freire; colocam-se em uma cruzada contra o Analfabetismo. Prova-se na prática que o analfabetismo e a pauperização são consequências dessa crise e não a causa dela (RISSO, VIDAL, 2007, p. 1).

Mas em 1964 o golpe militar configurou uma interrupção das iniciativas inspiradas nos princípios da educação popular, gerando retrocessos nas ações de alfabetização no país. Segundo Bocchini (2014) “[...] a tomada do poder pelos militares interrompeu a alfabetização de adultos no país por dois anos [...]”, o Plano Nacional de Alfabetização (PNA) do governo João Goulart que seria implementado foi suspenso e os mentores deste plano passaram a ser perseguidos, incluindo Paulo Freire. Porém, mesmo no contexto do golpe militar houve resistência na mobilização dos educadores populares por parte de algumas igrejas, associações de moradores, organizações de base local e de sindicatos.

Neste contexto, em 1970, foi criado o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) que “[...] instalou comissões municipais por todo o país, responsabilizando-as pela execução das atividades, enquanto controlava rígida e centralizadamente a orientação, supervisão pedagógica e produção de materiais didáticos [...]” (Pierro2001, p. 61).

O governo vigente à época fez grandes investimentos financeiros nesse sistema, instalando comissões municipais para execução das atividades de ensino básico, investindo na produção de materiais didáticos, entre outras ações. Porém, as propostas educativas eram descontextualizadas com a realidade dos educandos e, além disso, havia uma baixa articulação com o sistema de ensino básico. O MOBRAL teve sua extinção em 1985.

Concomitante ao MOBRAL “[...] a antiga Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 5.692, promulgada em 1971, incluiu pela primeira vez na história das legislações educacionais, um capítulo destinado à EJA [...]” (OLIVEIRA, 2007, p. 405). O intuito era que a EJA tivesse o caráter de suprir a escolarização de jovens e adultos não concluintes da educação regular. Em 1974, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) sugeriu a implantação de Centros de Estudos Supletivos (CES). O modelo previa uma certificação rápida

e dividia-se por módulos nos quais o aluno estudava por conta própria e sem frequência obrigatória nas aulas.

No contexto da redemocratização, em 1985, iniciativas decorrentes da resistência dos educadores populares, antes mais às sombras em função do contexto repressivo, voltam à cena, o que garante aprofundamentos e avanços nos estudos e lutas pelo direito à Educação de pessoas jovens e adultas, que retorna à pauta das discussões educacionais.

Resultante deste processo, a partir da redemocratização brasileira, são abertas as possibilidades legais para instauração da EJA como uma modalidade de ensino. O principal marco neste sentido foi a Constituição Federal (BRASIL, 1988), sobretudo a partir da redação realizada pela Emenda Constitucional 59/2009. Neste sentido a Constituição prevê explicitamente, em seu artigo 208, a educação pública e gratuita como direito a todo o cidadão.

Assim, o direito à Educação não somente assegurado para os que se encontram a na idade da Educação Básica obrigatória, dos 4 aos 17 anos, mas também para aqueles que não conseguiram concluir seus estudos neste período. Outro aspecto a considerar é que o ambiente escolar no contexto da EJA não deve ser precarizado em relação ao ensino “regular”, na medida em que se assegura o mesmo atendimento ao educando a todas as etapas da educação Básica, sem exceção:

Art. 208 O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

I – educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria.

....

VII – atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde. (BRASIL, 1998).

Após a Constituição, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) – Lei 9394/1996 (BRASIL, 1996), estabelece um título específico para a Educação de Jovens e Adultos, estabelecendo idades mínimas para ingresso na modalidade para os que não conseguiram finalizar os estudos no período “regular”: 15 anos para o Ensino Fundamental; 18, para o Ensino Médio. Orienta



também que o oferecimento desta modalidade pelos sistemas de ensino deve atender as especificidades e características dos educandos jovens e adultos, além de dispor sobre a existência e funcionamento dos exames supletivos

Após alguns anos é promulgado o Parecer nº 11 - CNE/CEB (BRASIL, 2000), tendo como relator Jamil Cury na tentativa de qualificar o atendimento educacional. “Na lei atual, o sentido da EJA assume a condição de uma educação que qualifica, ao invés de suprir, desaparecendo com isso a noção de supletivo” (Oliveira, 2007, p. 247). A partir da autora Maria Olivia de Matos Oliveira, destacam-se as funções da EJA:

as funções relacionadas ao princípio de igualdade de educação para todos sem discriminação (função reparadora); restabelecimento das mesmas oportunidades para os estudantes que se encontram em distorção série – idade (função equalizadora); possibilidades de apropriação, atualização e utilização de conhecimentos por toda a vida (função qualificadora) (OLIVEIRA, 2007, P. 246).

Essas funções de reparação da dívida social do estado brasileiro para com as populações jovens e adultas que não puderam concluir seus estudos, pelos mais diversos motivos, da equalização dos certificados (o “diploma da EJA não é de “segunda categoria”) e da educação permanente e ao longo da vida são deveras importantes na EJA, uma vez que alicerçam seus princípios.

Porém, mesmo considerando essas conquistas da EJA do ponto de vista das Leis, a conversão destes referenciais em políticas públicas é recente no país e contrasta com um ambiente social em que a Educação de Jovens e Adultos é normalmente associada a um serviço assistencialista, improvisado e cujo objetivo é acelerar e facilitar a obtenção do certificado da Educação básica.

O descaso histórico para com a EJA está presente em nossa realidade, sobretudo no que diga respeito a questão do uso das TICS nesta modalidade de ensino. As condições de trabalho dos docentes muitas vezes são precarizadas: faltam recursos didáticos e equipamentos como computadores; subutilizados ou ausentes do ambiente escolar. No âmbito da precarização está a manutenção deficitária aos equipamentos existentes; a falta de equipe de apoio qualificado nas escolas - a qual possibilitaria para o docente mais tempo dedicado a sua função: a organização do trabalho pedagógico.

Assim, continuamos tendo na EJA, um campo de disputas. Ainda que as normativas legais tenham avançado bastante, a reflexão sobre a EJA sob uma perspectiva histórica se faz necessária, para compreender as lacunas entre o disposto nas Leis e uma compreensão social de que aquele quem não se alfabetizou ou não concluiu o Ensino Fundamental e Médio não o fez por culpa sua (*porque é negligente, porque é vagabundo, porque não quer nada com nada, porque tem de trabalhar, porque não precisa estudar, etc.*) , e não como consequência de uma sociedade desigual.

Assim, temos uma sociedade que, a despeito de assegurar a Educação a todas e todos, carrega uma visão preconceituosa dos jovens e adultos que retornam à escola após um período de afastamento. Como menciona o parecer “[...] lembrar que a ausência da escolarização não pode e nem deve justificar uma visão preconceituosa do analfabeto ou iletrado como inculto ou vocacionado apenas para tarefas e funções desqualificadas” (BRASIL, 2000, p. 5).

Percebe-se, infelizmente, que algumas pessoas ainda difundem esses discursos preconceituosos sobre os adultos sem escolarização. Essa visão contribui muito para precarização do trabalho pedagógico na EJA, desde a falta de formação específica, inicial e/ou continuada, de muitos educadores que trabalham nesta modalidade de ensino até a falta de políticas de inclusão social, dentre as quais as interações com as TICs passam a ser cada vez mais componente fundamental na sociedade contemporânea.

### **3.2 INFORMÁTICA NA EJA**

Conforme Di Pierro et al (2001), a Educação de Jovens e Adultos é um terreno de propostas e estudos que sem dúvida ultrapassam as barreiras do processo educativo regular. Antes de tudo, envolve procedimentos de formação diversificados, em que o desenvolvimento de profissionais capacitados é essencial, o crescimento comunitário, a direção de medidas governamentais e a Educação não-formal e a Educação cultural dos jovens e adultos. Pois, acreditar somente no processo normal de escolarização proposto pelas escolas regulares, no qual há o tempo e o espaço são rigorosamente marcados, tem se mostrado insuficiente. Portanto, essa área educacional deve ser tratada como um espaço rico para a criação e para o aperfeiçoamento das propostas pedagógicas.

Para Bernardes (2011), é necessário muita “coragem” para recomeçar os estudos, já que “[...] Ler e escrever são habilidades que lhes fizeram muita falta ao longo da vida, cuja falta lhes provocou situações de embaraço fazendo-os, muitas vezes, vítimas de preconceitos [...]” (BERNARDES 2011, p. 13). Ainda segundo a autora, voltar à escola pode se tornar uma tarefa complicada, pois as pessoas acabam tendo vários “sentimentos contraditórios em relação à escola”. A adaptação ao tempo e ao espaço escolar pode se tornar um problema para o público da EJA, a grande maioria dos estudantes já possuem uma carga horária destinada ao trabalho, esse fato acaba influenciando na rotina dos estudos e muitas vezes causa uma nova evasão escolar.

A partir das discussões anteriores, fica claro que a Informática na Educação de Jovens e Adultos pode trazer diferentes formas de emancipação social para os educandos, já que vivemos em uma época em que as novas tecnologias da informação e comunicação (TIC's): computador, internet, celular e notebooks ganharam um poder social significativo.

Segundo Bernardes (2011, p. 9): “[...] diante de tantas novas tecnologias, não basta incluir este educando no mundo alfabetizado, visto que na realidade as tecnologias fazem parte do cotidiano pessoal, profissional e social do indivíduo [...]”. Ainda conforme a autora, não possuir a capacidade de leitura e da escrita é uma circunstância de exclusão, porém na atualidade não é suficiente ser alfabetizado. É necessário “letrar-se” nas novas tecnologias, fazer parte do universo digital, pois ele faz parte do nosso dia a dia constantemente.

Também é observado a partir da leitura de Bernardes que se torna imprescindível adaptar-se ao desenvolvimento da sociedade, pois essa ascensão tecnológica acaba diretamente ligada à Educação. Além disso, observa-se que por estes motivos, as escolas não podem suprimir o universo digital dos alunos. Assim o estudante adulto deve conhecer ou retomar essas aprendizagens na escola, uma vez que os cursos de informática requerem o aluno alfabetizado. Por fim, Bernardes salienta que o ensino se torna muito mais significativo para o aluno se ministrado em sua própria instituição aonde cursar o EJA, pois o aluno já está familiarizado com a escola.

Conforme a autora “[...] o docente, portanto, deve desafiar-se a entender seus alunos da EJA e as demandas que surgem por meio do uso das diversas tecnologias, engajando-se no processo diário de aprendizagem [...]”

(PHILIPPSEN 2014 p. 20). Neste sentido, denota-se então que o ato de aprender sobre as TIC's deve ser contextualizado na vida do educando, para que as aprendizagens sejam significativas e duradouras, desse modo, podemos indagar que é necessário transpor a ideia de transmissão de conhecimentos, em que o aluno é apenas um receptor de informações desconexas.

Segundo Buratto, existem algumas escolas que inserem a informática na grade curricular, porém o fazem sem uma didática específica para a EJA, o que acaba gerando o desinteresse dos alunos, a autora ainda relata ter presenciado momentos em que os estudantes demonstravam certa frustração com as propostas pedagógicas. Observa que eles ficavam entediados nas aulas de informática, pois utilizavam “[...] o computador de maneira mecânica, apenas digitando textos ou pesquisando um site já carregado [...]” (BURATTO, 2011, p.13). Além disso, quando a autora menciona “certa frustração com as propostas pedagógicas” por parte da turma, evidencia o desinteresse dos educandos com a proposta. E, neste sentido, o planejamento diário que estava posto, de alguma forma, pode ser alterado para, assim, qualificar o momento de aprendizagem

Nota-se que uma experiência malsucedida na Educação de Jovens e Adultos pode ser remediada, pois a autora percebeu que os alunos estavam entediados com a aula, então poderíamos supor que o professor responsável também pudesse identificar.

Ainda, conforme Mendes (2009), a maioria das pessoas retornam à escola por uma questão de necessidade social, tanto pela exigência do mercado de trabalho quanto, também, pela exigência nas relações interpessoais. Já que a escrita e a leitura estão muito presentes em nossa sociedade, ao preencher um formulário, ao enviar um correio eletrônico, para conversar com amigos e com familiares, utilizar as redes sociais, os celulares e os notebooks. Enfim, não há como negar que a escrita e a leitura operam um papel importante para que haja a comunicação entre as pessoas. Pois, todos nós convivemos “[...] em uma sociedade grafocêntrica, mas com diferentes relações frente ao uso da escrita. Em decorrência desse contexto de exposição aos usos e práticas envolvendo a escrita, surgiu a palavra letramento [...]” (MENDES, 2009 pg. 32).

Para que o estudante decifre a simbologia das novas tecnologias da informação o professor tem que seguir princípios pedagógicos que permitam uma troca de conhecimento entre aluno-professor e que o aprendiz possa

assimilar os novos símbolos e códigos das TCI'S de uma forma interessante e motivadora.

### **3.3 LETRAMENTO, LETRAMENTOS: PRÁTICAS DE ESCRITA E TECNOLOGIAS DIGITAIS**

Com o intuito de compreender o conceito de letramento digital, estudei primeiramente sobre o termo letramento pois buscava compreender de que maneira era significativo a formação dessa palavra/conceito na língua portuguesa e, principalmente, o que houve no cotidiano escolar que fez com que surgisse essa nova perspectiva pedagógica no campo da Educação, para que fosse possível responder às questões de pesquisa.

Posteriormente, o texto discorre sobre o termo digital entrando, neste sentido, no campo das novas tecnologias digitais (NTIC) e, por consequência, todas essas reflexões culminam na perspectiva do letramento digital na Educação de Jovens e Adultos, principal foco deste estudo.

Segundo Soares (2003), o termo letramento surgiu na década de 80 no campo da Educação e, no campo das Ciências lingüísticas, a partir da obra de Mary Kato 1986 (No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística, Editora Ática). Foi então que houve uma discussão teórica sobre o conceito em que o letramento seria algo que surge como consequência de uma prática social: “[...] a língua falada culta é consequência do letramento [...]” Kato 1986 *apud* Soares (2003).

Essa obra contribuiu expressivamente para a língua Portuguesa no sentido de instigar outros estudos sobre o tema, anos mais tarde ampliado conceitualmente por outros autores, o termo surgiu nos dicionários nacionais. Para Ferreira (2008, p. 513) letramento é: “1. Ato ou efeito de letrar-se. 2. Estado ou condição de indivíduo ou grupo capaz de utilizar-se da leitura e da escrita, ou de exercê-las como instrumento da sua realização e de seu desenvolvimento social e cultural”

A ideia trazida no trecho acima remete para a utilização da escrita e da leitura em nosso cotidiano mas, ao pensarmos nessas características mencionadas, não devemos supor que uma pessoa previamente alfabetizada já

seria capaz de exercer o ato de ler e escrever de maneira plena na sociedade. Afinal, alfabetização e letramento são sinônimos? Não? Se não são, qual a relação entre esses termos? Então, por que haveria a necessidade de criar um novo termo para designar nossas relações com a escrita? E o que muda se essa escrita contemplar as práticas que ocorrem na interação com computadores.

Num texto da década de 1990, Tfouni (1995) define a relação entre letramento e alfabetização. Para a autora, alfabetização e letramento não são sinônimos, mas processos interdependentes. Ela organiza a relação entre os termos na forma de um gráfico, no qual se apresenta o *continuum* do processo social de letramento do qual a alfabetização faria parte:

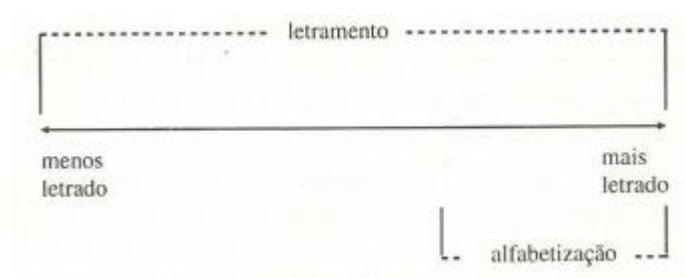


Figura 1 – Letramento, a partir da definição de Tfouni (1995, p.56)

Neste contexto, o letramento, enquanto processo social da cultura letrada na sociedade ocidental, conteria o processo de alfabetização, a aprendizagem individual da língua escrita. E o processo de alfabetização, por sua vez, contribuiria na ampliação e qualificação do indivíduo nos diferentes processos concernentes à cultura letrada.

Soares (2002) a partir dessa discussão e sugere que, no contexto da escrita na cibercultura, talvez em vez de se criar um novo termo, o mais correto seja pensar não mais em letramento, mas em *letramentos*

A reflexão que a seguir se fez sobre a escrita na cultura da tela – na cibercultura, o confronto entre tecnologias tipográficas e digitais de escrita e seus diferenciados efeitos sobre o estado ou condição de quem as utiliza, sugere que se pluralize a palavra letramento e se reconheça que diferentes tecnologias de escrita criam diferentes *letramentos*. Na verdade, essa necessidade de pluralização da palavra letramento e, portanto, do fenômeno que ela designa já vem sendo reconhecida internacionalmente,<sup>9</sup> para designar diferentes efeitos cognitivos, culturais e sociais em função ora dos contextos de interação com a palavra escrita, ora em função de variadas e múltiplas formas de interação com o mundo – não só a palavra escrita, mas também a comunicação visual, auditiva, espacial. (SOARES, 2002, p.155-156).

Contudo, nessa dimensão do *letramento* ou *letramentos*, se pluralizada, continuaria a ser pensada como uma linha reta, que vai do “menos letrado” ao “mais letrado”? Alves (2016), a partir de seus estudos com estudantes da EJA escrevendo utilizando tecnologias digitais. propõe que o conceito de letramento, no contexto com as tecnologias da inteligência (oralidade, escrita e informática) contemple outras dimensões para além do diagrama proposto por Tfouni em 1995.

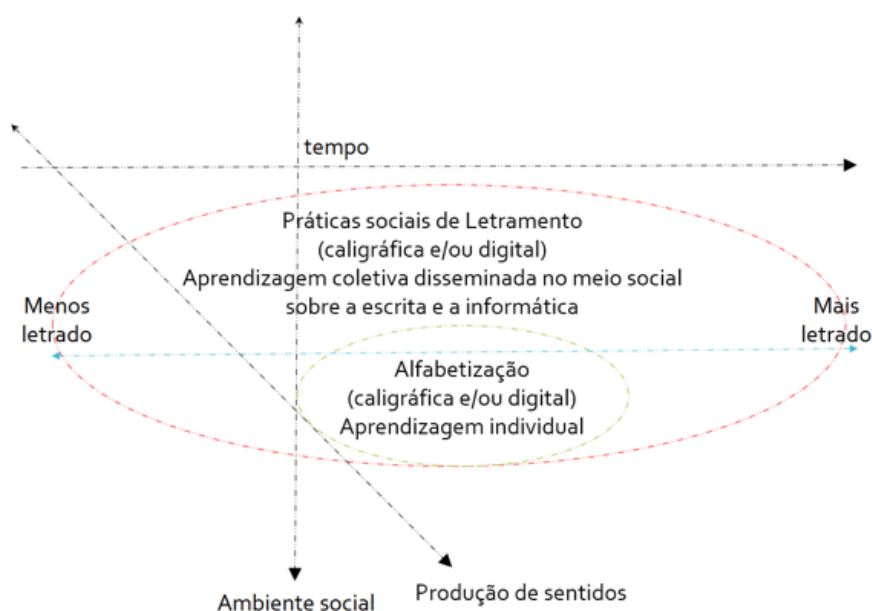


Figura 2 – Releitura da dinâmica do processo de letramento, a partir do diagrama de Tfouni (1995). Fonte: (ALVES, 2016, p., 291)

Não se trata de uma contraposição entre os diagramas. mas de uma “espaçotemporalização” do conceito de letramento no encontro das tecnologias digitais. Nesta nova proposição, haveria não mais um eixo, mais quatro, nos quais:

- a) o eixo que vai tendencialmente do “menos letrado” ao “mais letrado”, “alarga- do”, na medida em que lhe é explicitamente agregado, como compo- nente, o conjunto das práticas sociais de escrita e de seu aprendizado individual; b) o eixo temporal cronológico, o único em que não há “dupla direção” (configurando a “seta” do tempo); c) o eixo referente ao “ambiente social”, com “dupla direção”: não se trata de um eixo quantitativo, mas qualitativo; é, ainda, restrita a duas dimensões - cada meio social (a ser delimitado pela perspectiva do observador) responderia interna e externamente a seus contornos (no contato com outros ambientes sociais), e de tal ou qual forma em relação aos outros eixos envolvidos; d) o eixo “produção de sentidos”, dando conta de um dos princípios de abertura das inter-relações entre tecnologias da inteligência em um determinado contexto.(Alves, 2016, p. 290).

O autor salienta ainda, que as linhas do diagrama são pontilhadas, buscando dar uma ideia de dinamismo do processo e de inter-relação entre esses vetores no conceito de letramento. Isso, porque

Os três eixos adicionais (tempo, ambiente social e produção de sentidos) procuram dar uma ideia de “volume” ao conceito de letramento, ainda que esse volume tenha contornos e dinâmicas mais próximos a superfícies inefáveis e elásticas, como bolhas de sabão, do que a sólidos geométricos. (Alves, idem, p. 291).

Essas discussões teóricas ajudam a compreender um pouco mais o processo da oficina de letramento digital na EJA. A pergunta pelos sentidos e aprendizagens deste trabalho busca, de certa maneira, ser um exercício de sistematização desses aspectos, de forma a subsidiar práticas pedagógicas envolvendo a EJA e as tecnologias digitais.



## **4 METODOLOGIA**

### **4.1 TIPO DE PESQUISA REALIZADA**

A metodologia consistiu em um estudo de caso. De acordo com Meirinhos (2016) essa modalidade de pesquisa vem ganhando cada vez mais força no âmbito da Educação, pois o estudo de caso não busca somente uma compreensão sobre o objeto estudado, mas também procura compreender o contexto de inserção do mesmo na esfera social e cultural como um todo. Não basta olhar para uma situação de maneira isolada, é preciso compreender todas os nuances presentes no contexto estudado para que haja uma construção de conhecimento com qualidade e com responsabilidade. Ao realizar uma pesquisa, há uma extensa coleta de dados, através de entrevistas, observações, entre outros. Porém, a pesquisa não se finda apenas em analisar as respostas dos entrevistados, existe sim uma resposta que nos diz algo importante, mas é preciso acessar mais informações do objeto de estudo em questão para que possamos contextualizar de maneira mais abrangente a nossa pesquisa e assim evitar possíveis equívocos.

“[...] Os estudos de caso usasse quando se lida com condições contextuais, confiando que essas condições podem ser pertinentes na investigação [...]” (MEIRINHOS, 2016, p. 49). Após esse excerto, o autor considera que os estudos de caso são majoritariamente pesquisas qualitativas, nesse sentido, o objeto pesquisado é apresentado na “inter-relação” do contexto social.

Os métodos de investigação quantitativos surgiram do processo científico da relação causa-efeito, para estabelecer generalizações, aplicáveis a diversas situações. Do ponto de vista da investigação qualitativa, procura-se a compreensão das complexas inter-relações que acontecem na vida real. (MEIRINHOS, 2016, p. 50 - 51).

#### **4.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA OFICINA DE LETRAMENTO DIGITAL**

A oficina de Letramento Digital é uma oficina aberta à comunidade em uma escola voltada à EJA do município de Porto Alegre. As aulas das oficinas ocorriam regularmente em três dias da semana, onde os alunos tinham liberdade de escolher as datas que melhor se encaixavam em suas rotinas, podendo ser desde uma aula por semana, até três aulas semanais, com duração aproximada de cinquenta minutos em cada aula.

A oficina já acontecia nesta escola quando iniciei a trabalhar ali. A participação do projeto de extensão da UFRGS no contexto da oficina de Letramento Digital aconteceu no segundo semestre de 2015. Além de mim, outras três colegas do curso de Pedagogia participaram das atividades da oficina, acompanhando, a professora regente da escola responsável pela atividade.

A atividade também era acompanhada pelo professor coordenador da ação de extensão na Universidade. Após o final do projeto, no final do ano de 2015, a oficina teve continuidade. No segundo semestre de 2017, em função da aposentadoria da professora referência da Oficina, as atividades encontram-se momentaneamente suspensas.

Além dessas pessoas, também participava do momento da oficina um estagiário da Prefeitura de Porto Alegre, responsável pela manutenção ao laboratório e pelo apoio pedagógico às atividades que ali aconteciam. O planejamento das ações acontecia em conjunto, contando com a professora regente e a equipe da UFRGS.

A maioria das pessoas que frequentavam as aulas eram regularmente matriculadas nesta presente escola e oriundas de diferentes etapas de escolarização, mas também haviam aquelas que não frequentavam as aulas de EJA e ainda assim podiam participar das oficinas, por pertencer à comunidade local.

A faixa etária dos jovens e dos adultos era bastante diversificada, porém o número de alunos (as) era majoritariamente de adultos acima de 50 anos e, concomitante ao letramento digital, também estavam se alfabetizando em classes da EJA na escola.

A proposta do Projeto era que os extensionistas pudessem trabalhar com os educandos durante a utilização do computador nas aulas de letramento digital com os recursos materiais previamente selecionados para os encontros - como textos de diferentes gêneros, músicas, vídeos, filmes...

As aulas regulares do currículo escolar da instituição eram de certa forma articuladas durante os momentos de letramento digital, onde os educandos pesquisavam sobre diferentes temáticas, conforme a solicitação de cada um e conforme a temática abordada nas aulas das variadas disciplinas curriculares, o que de certa forma, tornava a aula mais dinâmica e atrativa para os participantes.

Essa característica da turma direcionava meu olhar como docente para as diferentes ações pedagógicas que envolvem o letramento digital na escola e, com isso, surgiu a vontade de descobrir qual a importância dessas aprendizagens com as novas tecnologias para os educandos.

Destaca-se que as aulas no laboratório de informática eram compostas por diferentes dimensões/ações pedagógicas, como a pesquisa, a leitura, a digitalização de documentos, o acesso à materiais fílmicos, entre outros. Ambas propostas educativas traziam para os Educadores os desafios pedagógicos da alfabetização e do letramento. Por isso, se torna necessário para esse estudo acadêmico definir teoricamente tais aspectos para compreendê-los de uma maneira mais consistente.

#### **4.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS E PARTICIPANTES DA PESQUISA**

Os Instrumentos de coleta de dados utilizados foram entrevistas informais presenciais com os educandos da oficina e semiestruturadas e via eletrônica com os participantes como apoio pedagógico do Projeto de Extensão.

Os sujeitos participantes da pesquisa são estudantes que atuaram na oficina de letramento digital, com os quais se realizou entrevista semiestruturada

por meio eletrônico. Entrevistas informais também foram realizadas com estudantes da EJA participantes da oficina de letramento digital. A entrevista, conforme Duarte (2004, p.215), é um instrumento bastante válido

quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. (DUARTE, 2004, p.215),

Foram entrevistados, para a realização deste estudo, dois integrantes da Projeto de Extensão e três educandos que participavam das entrevistas. Essas entrevistas tiveram como objetivo principal indagar os sentidos e as aprendizagens que dois atores: educandos e estagiários da oficina, atribuíram a sua participação na experiência. Seus nomes estão sob confidencialidade, sendo substituídos por uma letra.

## 5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

A apresentação dos dados se organiza em dois momentos: primeiro, expõe-se a perspectiva dos educandos participantes da oficina de letramento digital; após, apresenta-se a perspectiva dos extensionistas que participaram do acompanhamento desta atividade.

### 5.1 PERSPECTIVA DOS EDUCANDOS

1º Educando: R

Sexo: feminino

Idade: 54 anos

Escolaridade: 3º ano do ensino fundamental

Ocupação: Dona de casa

Qual a relevância das aulas no laboratório de informática para sua vida?

**R:** *Não sou mais excluída das coisas, sabe, várias pessoas sabiam mexer... Sabiam mexer nesses aparelhos modernos e eu não.*

O processo de inclusão digital e consequentemente o letramento digital possui, sim, um caráter emancipatório no contexto sócio-familiar dos educandos. No laboratório de informática, a disponibilidade dos equipamentos e troca de experiências entre os colegas e com os extensionistas, potencializa um ambiente de aprendizagem, com elementos presenciais e telemáticos, no qual se objetiva que os educandos estejam à vontade para apresentarem suas dúvidas.

Tal abordagem pode haver contribuído, pelo que se pode inferir a partir da fala de R, para esta dimensão de empoderamento pessoal a partir do

letramento digital. Mendes (2009) aponta que a maioria das pessoas retornam à escola por uma questão de necessidade social, visto que em uma sociedade grafocêntrica o uso e práticas envolvendo a escrita é algo que se encontra muito presente em nosso cotidiano, nos mais variados contextos.

2º Educando: **A**

Sexo: masculino

Idade: 78 anos

Escolaridade: ensino superior completo

Ocupação: Aposentado

Qual a relevância das aulas no laboratório de informática para sua vida?

**A:** *Olha, eu sou bem mais velho já, então as aulas aqui fazem bem para minha cabeça.*

Percebe-se neste comentário que além do caráter educativo, o projeto exerce também, inicialmente, o papel de atividade de lazer, pois muitos educandos buscam a princípio em sala de aula apenas um contato leve e despretensioso com a matéria. Contudo com o passar das aulas percebe-se a força do caráter educativo e transformador dos conhecimentos e atividades trabalhados em aula.

Este aspecto retoma as ideias trazidas no Parecer nº 11/2000, porque na atualidade a EJA não tem só o caráter de suprir a demanda do Ensino Básico, ela tem também o caráter de qualificar o ensino para que as aprendizagens ultrapassem a ideia de escolarização, como se houvesse uma única finalidade, como por exemplo, o mercado de trabalho. E passe a adotar a concepção de que a Escola seja responsável por formar cidadãos críticos, conscientes das relações sociais, mas que acima de tudo, a Escola possa promover uma melhoria na qualidade de vida, e neste aspecto o lazer está incluído.

3º Educando: **B**

Sexo: feminino

Idade: 68 anos

Escolaridade: 3º ano do ensino fundamental

Ocupação: Produz artesanatos para vender.

Qual a relevância das aulas no laboratório de informática para sua vida?  
 Resposta: *Eu adoro aqui eu pesquiso sobre meus artesanatos, aprendo várias coisas novas. Depois eu posso usar isso para produzir coisas novas.*

Nota-se pelo relato, que os conhecimentos adquiridos ao longo do projeto podem contribuir também para novas interações sociais de cunho profissionalizante, uma vez que a internet é uma ferramenta didática de comunicação, que é bastante potente para estimular o interesse por novas temáticas, como apontou a entrevistada.

O relato desta entrevistada vai ao encontro das ideias de Burrato (2011), quando a autora menciona que as aulas de informática não devem ser conduzidas de maneira mecânica por parte dos professores, porque é essencial que a aula também faça parte da realidade dos estudantes, para que eles possam ter uma satisfação pessoal ao passo em que aprendem algo significativo em suas vidas, que muitas vezes pode trazer melhorias na vida tanto daquele estudante, quanto da comunidade em geral.

## **5.2 PERSPECTIVA DOS EXTENSIONISTAS**

Apresentam-se nesta seção trechos de entrevista realizada com colegas estudantes de graduação que participaram como ministrantes (extensionistas) da Oficina de Letramento Digital no ano de 2015. As entrevistas foram realizadas no segundo semestre de 2017:

Extensionista: **L**

Pedagoga

Tempo de atuação no projeto?

**L:** *Não lembro exatamente a quantidade de horas e o período exato, mas o projeto de extensão iniciou no final do primeiro semestre de 2015 e foi até o final do segundo semestre do mesmo ano. Participei de todo o período e etapas do projeto: construção, planejamentos e execução das atividades.*

Quais os desafios de ser extensionista no laboratório de informática?

*L: São muitos os desafios da extensão na área da informática: planejar as atividades, de preferência junto com os profissionais da escola, buscando ouvir as necessidades dos alunos: o que desejam o que gostariam de aprender, curiosidades, dificuldades que têm e querem melhorar no uso das tecnologias (computador, celular, redes sociais, e-mail), ao mesmo tempo tentar trazer novidades e informações pertinentes para o crescimento e aprendizagens dos aprendizes.*

*Outro desafio importante é quanto a utilização do laboratório de informática: manutenção dos computadores, pois muitas vezes estragam e dificultam o trabalho dos extensionistas junto dos alunos. Dar conta das solicitações e buscar auxiliar da melhor maneira possível os educandos, nem sempre conseguimos atender todas as solicitações e pedidos ao longo dos encontros.*

*Aprender a lidar com as várias etapas das aprendizagens dos participantes, no caso, compreender e saber lidar com as dificuldades e entendimento dos alunos, que cada um tem um tempo para aprender, que as aprendizagens são muitas vezes lentas e que podem ser esquecidas, principalmente se não for treinado seguidamente o uso do computador, da escrita, da leitura, do uso de aplicativos. Para mim, este é o maior desafio como profissional da Educação e extensionista.*

Tendo em vista, a resposta da primeira extensionista entrevistada, percebe-se que há uma relação de respeito aos interesses dos educandos, porque ao “ouvir as necessidades dos alunos” o extensionista segue numa perspectiva pedagógica de valorização dos saberes prévios do aluno. Essa característica denota que as aulas não tinham o objetivo de transmitir o conhecimento para que o aluno apenas memorize as novas informações, como o que Philippsen (2014) apresenta, ao mencionar que o educador deve se engajar no processo de ensino/aprendizagem e propiciar que o educando participe do seu próprio aprendizado por meio de suas vivências, de modo a valorizar as suas experiências de vida.

A entrevistada também relata que um desafio importante era a manutenção dos computadores, me recordo que esse aspecto também era desafiador para mim, pois durante o curso de Pedagogia percebe-se a falta de formação para o uso das tecnologias. Por isso, ao longo do projeto era necessário que os extensionistas criassem estratégias para a utilização e para manutenção dos computadores.



Na época da minha atuação na escola usávamos o sistema operacional (SO) Linux. O Linux apesar de ser gratuito é muito pouco utilizado, a baixa utilização desse sistema na atualidade acarretava aos extensionistas do Projeto um grande desafio. Além dos aspectos pedagógicos que envolviam as aulas, as conversas com os alunos, a preparação das propostas educativas, solucionar as dúvidas dos estudantes, entre outras tarefas. Durante o percurso do projeto sempre tivemos apoio da professora Rose, regente da turma, e também o apoio do professor Evandro Alves. Mesmo assim, percebemos o quanto é difícil lidar com as dúvidas e ao mesmo tempo tentar ensinar os estudantes.

Em relação aos apontamentos da entrevistada no que diz respeito a manutenção dos computadores, é possível vincular com as idéias de Di Pierro et al (2001), a qual salienta que a EJA envolve procedimentos de formação diversificada de professores para que seja possível atender as variadas realidades dos estudantes desta modalidade, como é o caso trazido pela primeira entrevistada e também o que percebi em minha atuação enquanto participante do projeto analisado.

O último desafio apontado pela entrevistada diz respeito aos diferentes níveis de conhecimento dos educandos e como essa heterogeneidade também se torna um desafio a ser vencido. A turma era composta majoritariamente por pessoas em processo de alfabetização e com pouco contato com as TICs, sendo necessário que os extensionistas tivessem um olhar atento para lidar com diferentes tipos de aprendizagens. Alguns aprendiam mais rápido e para esses era necessário avançar nas ações educativas se não a aula poderia se tornar tediosa para o estudante.

Com base nos apontamentos da última entrevistada, pude perceber que para esses jovens e adultos o tempo destinado àquele encontro era muito significativo, pois muitos trabalham em período integral ou tinham responsabilidade a cumprir com a família. Assim, as aulas tinham que ser interessantes e desafiadoras, senão eles acabavam se desinteressando nas propostas. Conforme Buratto (2011), o interesse estava vinculado à necessidade de ampliação de conhecimento e à uma satisfação pessoal, já que um jovem ou adulto que trabalhou o dia inteiro não estaria disposto a desperdiçar seu tempo de descanso com aulas desinteressantes e pouco desafiadoras.

Você percebia que as aulas eram importantes para os educandos, de que maneira?

**L:** *Sim. Pois a maioria dos alunos eram senhores e senhoras da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da escola e também da comunidade. Pessoas que nasceram antes da chegada da Tecnologia da Informação e Comunicação (TICs), algumas ainda analfabetas (não sabem ler e escrever) e analfabetas digitais, por não terem intimidade com o uso de computadores e suas ferramentas, tinham um pouco de receio e dificuldades em realizar o que era proposto.*

*Percebia o encantamento de alguns ao conseguirem realizar as atividades, mesmo com as dificuldades normais e comuns de todo aprendente em alguma coisa. Alguns alunos queriam aprender a utilizar o computador, enviar e-mail, criar e postar no Facebook. Mas também aprenderam um pouco sobre o uso das ferramentas do Office (LibreOffice): criação de textos no Word, construção de PPT.*

*Acredito que foi um período de grandes aprendizagens para todos e todas: alunos do projeto de informática da escola, extensionistas, professores e estagiários. Entendo que o projeto deveria ter continuidade, com novos extensionistas, para que os alunos e alunas da EJA possam continuar melhorando suas aprendizagens no uso das tecnologias, assim podendo utilizá-las na vida e no mundo do trabalho, algo imprescindível nos dias atuais.*

A partir do exposto podemos identificar que era muito importante para os educandos aprender a utilizar mídias e a utilizar e-mail, assim como outros meios de comunicação online. Eram notáveis as limitações ao operar os sistemas, contudo, somado a isso, também era nítida a evolução e o crescente interesse a partir de cada pequena descoberta. Letramento digital não passa somente por aprendizado na escola, sendo a prática e o interesse dos alunos em trazer seus questionamentos (traziam celulares, notebooks, etc. para aula solicitando auxílio para a sua utilização) o alicerce fundamental para a construção do conhecimento.

Extensionista: V

Pedagoga

Tempo de atuação no projeto?

*V: Procurei em um caderno que registrava as reuniões, comecei a participar em agosto de 2015, e lembro que fomos até o final, dezembro, daquele ano.*

Quais os desafios de ser professora-estagiária no laboratório de informática?

*V: Muitos estudantes estavam aprendendo a leitura e a escrita, e ao mesmo tempo, o manuseio do computador. Ao mesmo tempo que procurávamos incentivar o desenvolvimento da apropriação do sistema de escrita alfabética, também incentivávamos a autonomia com o uso do mouse, do teclado, o acesso às pastas do computador em que ficavam suas produções, à internet, etc. Muitas vezes precisávamos de mais tempo para atender a todos com mais calma e cuidado. Mais tempo, ou mais monitores.*

*No curso de pedagogia não estudamos propostas de alfabetização articuladas à tecnologia, mas esse foi uma aprendizagem da Extensão, junto do prof Evandro, que nos explicava desde características do Linux e Libre Office, passando pelo manuseio dos aparelhos eletrônicos, até propostas de alfabetização digitais. E também com a profa. \*\*\*, que implantou o projeto na escola, percebendo a necessidade e oportunidade de promover o acesso a esses bens culturais.*

Considerando a resposta da segunda extensionista entrevistada, identifico o desafio do letramento digital para as turmas da EJA, onde temos alunos que estão em processo de apropriação do sistema alfabético. Além disso, há estudantes adultos que recém retornaram aos estudos após um longo período de afastamento, por isso, o processo de adaptação com a escola precisa ser trilhado a partir de uma relação de cumplicidade entre professor-aluno.

Concordo com a entrevistada quando ela menciona que é preciso ter “calma e respeito” com os alunos da EJA, pois, geralmente, a maioria não tinha intimidade com o uso do computador e suas ferramentas. Logo, tinham receio e dificuldades em realizar as ações propostas, assim, acredito que é essencial encorajar os educandos e fazer parte do processo de aprendizado de forma articulada em pressupostos teórico da educação popular, na qual há a valorização dos saberes e a ideia de emancipação através da Educação. Segundo Bernardes (2011), realmente é crucial que o educador tenha um olhar sensível com os alunos da EJA, pois eles muitas vezes enfrentaram situações

de preconceito por não saber ler e escrever e o fato de não ter domínio das tecnologias da informação, além do fator dos diferentes tempos de aprendizagem dos estudantes, uma vez que esta adaptação à escola é algo particular de cada sujeito.

Você percebia que as aulas eram importantes para os educandos, de que maneira?

*V: Penso que sim. Lembro muito de Carmem e D. Leopolda, que contavam nos encontros histórias de suas vidas e juventude, quando digitávamos textos e quando buscávamos fotos. Penso que a proposta se articula aos princípios de emancipação dos sujeitos, da educação popular, que reconhece seus saberes, e os encoraja a fazer o mesmo. Sabendo que o conhecimento, e a cultura, são direitos, que não podem ser negados a ninguém. Ao final do ano produzimos um almanaque, em que os estudantes colocaram suas produções, receitas, memórias e pensamentos.*

Analisando a resposta, percebo o letramento digital como uma poderosa ferramenta de inclusão e emancipação pessoal e social. O conhecimento da ferramenta gera tanto um sentimento de auto-estima nos educandos quanto os “liberta” para trafegar nos mais diversos momentos de socialização digital, sem deixar de lado o aspecto profissionalizante (o que acaba por não se tornar o foco do programa).

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Acredito que seja necessário um olhar sensível em relação aos estudantes da EJA para que possamos reconhecer a coragem de quem retoma os estudos após diferentes adversidades da vida, seja por dificuldades econômicas ou por imposições sociais ou culturais que adiaram a conclusão da educação básica, sendo que a disposição e vontade do estudante em retornar os estudos é a chama que move este projeto.

A partir do exposto vimos que o fomento governamental às políticas da EJA sofreu diversos revezes ao longo da recente história do nosso país. Com isso, esta pesquisa busca reforçar e apresentar a importância de dar seguimento ao desenvolvimento de ações que sejam voltadas ao fortalecimento de projetos não somente de alfabetização básica, mas que atendam também as necessidades do mundo contemporâneo como no nosso objeto de pesquisa, o letramento digital.

Realizar este trabalho de conclusão de curso abordando as vivências adquiridas ao longo do Projeto de Extensão Letramento Digital na EJA, foi muito significativo para a minha formação enquanto docente, relembrar os aprendizados junto aos estudantes jovens e adultos, percebendo que a docência se dá na troca de saberes. Logo, valorizar que todos nós possuímos saberes especiais que podem fazer a diferença na vida de outras pessoas.

Percebi que o verdadeiro aprendizado se constrói durante a prática pedagógica na escola, em que os conhecimentos teóricos estudados na universidade começam a fazer sentido, porque podemos construir a relação entre a prática e a teoria estudada.

Assim, conhecer a realidade da EJA me fez perceber o quanto os saberes empíricos são valiosos, pois no convívio com os estudantes, tive a oportunidade de perceber os mais ricos saberes. Como, por exemplo, a coragem, a

perseverança e a sabedoria daqueles que já passaram por momentos difíceis na vida e, ainda assim, tem muito a nos ensinar. Pois ao longo da participação no projeto foi preciso enfrentar as adversidades da carreira docente para perceber que a Educação se constrói a partir de lutas e conquistas. Enfim, cada aprendizagem ao longo dessa trajetória me fez ser uma pessoa mais sensível às relações humanas e, conseqüentemente, me fará ser uma profissional mais qualificada para exercer a docência.

Hoje, avalio que essa experiência foi muito rica para a minha formação como docente, pois compreendi que nós, futuros professores, nem sempre possuímos a solução imediata para as dúvidas que surgem dos educandos, tornando-se necessário que os professores estejam em constante aprendizado, assim como os seus alunos para que o processo de ensino e aprendizado seja cada vez mais qualificado.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Evandro. **Conceito de letramento no encontro da educação de jovens e adultos com as tecnologias digitais**. 5. ed. Porto Alegre: 5, 2016. 341 p. (1). Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/147928>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

BERNARDES, Eliane Teresinha. **O uso das tecnologias da informação e da comunicação na alfabetização de jovens e adultos**. 2011. 32 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Educação de Jovens e Adultos, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Cap. 1. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/142843>>. Acesso em: 4 nov. 2017.

BOCCHINI, Bruno. Golpe de 64 interrompeu: alfabetização de adultos por dois anos. **Agência Brasil: educação**, São Paulo, v. 1, n. 1, p.01-01, 30 maio 2014. Mensal. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2014-05/golpe-de-64-interrompeu-alfabetizacao-de-adultos-por-dois-anos-diz>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília/DF: Senado Federal. 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 12 dez. 2017.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996. Brasília/DF: Senado Federal. 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)>. 12 dez. 2017.

**BRASIL. Parecer CNE n° 11/2000 CEB.** Estabelece Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Disponível: <[http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer\\_11\\_2000.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf)>. Acesso em 4 nov. 2017.

BURATTO, Denise Beatriz. Para o que (e por que) **atentar em aulas de informática para adultos da EJA**. 2011. 50 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal

do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Cap. 1. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/32045/000786673.pdf?sequence=1>>.

Acesso em: 24 nov. 2017.

DI PIERRO, Maria Clara di; JOIA, Orlando; RIBEIRO, Vera Masagão. VISÕES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS: e adultos no Brasil. **Cadernos: cedes**, São Paulo, p.58-77, 1 jan. 2001. Semanal. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v21n55/5541.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2017.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Míni Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. 7. ed. rev. atual. conforme acordo ortográfico. Curitiba: Positivo, 2008

FRIEDRICH, Márcia; BENITE, Anna M. Canavarro; \*, Claudio R. Machado Benite. Visões da educação de jovens e adultos no Brasil. **Cadernos: cedes**, São Paulo, p.58-71, 01 nov. 2001. Semanal. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622001000300005&script=sci\\_abstract&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622001000300005&script=sci_abstract&lng=pt)>. Acesso em: 20 nov. 2017.

KATO, Mary. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. 5. ed. Porto Alegre: Editora Ática, 2003. 326 p. (1).

MEIRINHOS, Manuel; OSÓRIO, António. O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. **Eduser - Revista de Educação**, [S.l.], v. 2, n. 2, dec. 2016. ISSN 1645-4774. Disponível em: <<https://www.eduser.ipb.pt/index.php/eduser/article/view/24>>.

MENDES, Angelina. **Implicações da cultura grafocêntrica na apropriação da escrita e da leitura**: em dois diferentes contextos. 1. 162 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Alfabetização, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Cap. 2009. Disponível em: <[http://novo.more.ufsc.br/tese\\_dissert/insere\\_tese\\_dissert](http://novo.more.ufsc.br/tese_dissert/insere_tese_dissert)>. Acesso em: 20 nov. 2017.

OLIVEIRA, Maria Olivia de Matos. Políticas públicas: e educação de jovens e adultos. **Memória e Formação de Professores: SciELO Books**, Salvador, p.1-17, 4 jul. 2017. Semanal. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-15.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2017.

PHILIPPSEN, Luisa de Baumont. **A modalidade da EJA em tempos de cultura digital: entrecruzando histórias e possibilidades de ensinar e aprender**. 2014. 49 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Educação de Jovens e Adultos, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Cap. 01. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/115775>>. Acesso em: 12 nov. 2017.



RISSO, Suzana Aparecida Silva; VIDAL, Marilei Aparecida. ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS NOS ANOS 60; MOVIMENTOS DE EDUCAÇÃO: POPULAR E O MÉTODO PAULO FREIRE. **Ceca: - UNIOESTE**, ParanÁ, v. 1, n. 1, p.1-14, 1 jan. 2007. Anual. Disponível em: <[http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2007/Simpósio Acadêmico 2007/Trabalhos Completos/Trabalhos/PDF/69 Suzana Risso.pdf](http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2007/Simpósio%20Academico%202007/Trabalhos%20Completo/Trabalhos/PDF/69%20Suzana%20Risso.pdf)>. Acesso em: 22 nov. 2017.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. Educação e Sociedade. In: Educação e Sociedade. Campinas: Unicamp, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Documentodisponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935.pdf>>. Acesso em 01. Dez. 2017

SOUZA, Iara Maria Konrad de. **Um novo olhar de educação de jovens:** e adultos sob o enfoque das tecnologias de informação e comunicação. 2012. 93 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Educação de Jovens e Adultos, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Cap. 1. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/95867>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

TFOUNI, L.V. Letramento e alfabetização. São Paulo: Cortez, 1995. Experimentações ético-estéticas em pesquisa na educação 295 TFOUNI, L.M.V. A Escrita: Remédio ou veneno? In: PRADO, E.C; AZEVEDO, M.A; MARQUES, M.L. (Orgs.) Alfabetização hoje. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora. 1995. pp. 51-70.